



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 9, número 2, maio-ago. 2020

LINGUAGEM E IDENTIDADE: O TURISTA E O VIAJANTE EM CRÔNICAS DE JOÃO UBALDO RIBEIRO



LANGUAGE AND IDENTITY: THE TOURIST AND THE TRAVELER IN CHRONICLES OF JOÃO UBALDO RIBEIRO

Camila Ulmer da SILVA
IFRS, Brasil

Tatiane KASPARI
IFRS, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [AS AUTORAS](#)
RECEBIDO EM 29/02/2020 • APROVADO EM 14/05/2020

Resumo

O presente artigo vincula-se ao trabalho de conclusão de curso intitulado “A representação do viajante em crônicas da obra Um brasileiro em Berlim, de João Ubaldo Ribeiro”. Contemplando revisão bibliográfica de teóricos voltados às temáticas da cultura, identidade, linguagem e literatura de viagem, a pesquisa procedeu à análise de conteúdo do corpus selecionado, que resultou nas categorias “Linguagem e identidade”, “Choque cultural” e “Estereótipos”. Este artigo enfoca a primeira categoria, discutindo relações entre a linguagem e a constituição da identidade do sujeito que viaja e cuja percepção oscila entre o ponto de vista do viajante e o

do turista. Nas crônicas em análise, “O Tartamudo do Kurfürstendamm” e “Vida Organizada”, prevalece a figura do viajante, que, por meio da narrativa, possibilita ao leitor reflexões pautadas na identidade inacabada, que é própria do sujeito que se coloca em relação com o outro, e na linguagem, já que a comunicação é gerada dentro de um contexto mediante associações.

Abstract

The present paper bonds with the term paper titled “A representação do viajante em crônicas da obra Um brasileiro em Berlim, de João Ubaldo Ribeiro”, that analyzes the representation from the traveler on chronicle A Brazilian in Berlin, by João Ubaldo Ribeiro. By reaching the bibliographic review from theorists toward to culture themes, identity, language and traveling literature, the research proceeded to the content analysis from selected corpus, which resulted in the categories “language and identity”, “Cultural clash” and “Stereotypes”. This article focuses at the first category, discussing the relations between the language and the subject’s identity constitution who travels and whose perception oscillates between the traveler’s point of view and the tourist’s one. On the analyzed chronicles, “The Stammerer from Kurfürstendamm” and “Organized Life”, it prevails the traveler’s figure, that, through the narrative, enables to the reader reflections guided on unfinished identity, which is from the subject itself who relates itself to the other one, and in language, as the communication is generated in a context by means of association.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Linguagem. Literatura de viagem. Viajante/Turista.

KEYWORDS: Identity. Language. Travel literature. Traveler/Tourist.

Texto integral

*A maior riqueza do homem
É a sua incompletude
(Manoel de Barros)*

Discutir a temática da identidade envolve o reconhecimento das incompletudes do ser humano, que o impulsionam ao contato com outro, mediado pela linguagem, na tentativa de constituir-se a si próprio. Nessa perspectiva, as viagens podem constituir a experiência identitária mais aguda, pois os choques culturais explicitam ao viajante as incompletudes que compõem sua identidade e revelam-lhe que toda cultura é um constructo.

A fim de discutir as intersecções entre identidade e linguagem, o presente artigo analisa a representação do viajante nas crônicas “O Tartamudo do Kurfürstendamm” e “Vida Organizada”. Os textos integram a obra Um brasileiro em

Berlim, de João Ubaldo Ribeiro, que reúne 16 crônicas, escritas predominantemente em primeira pessoa e que remetem ao período em que o autor brasileiro permaneceu na Alemanha. Há, nelas, experiências sobre língua, cultura e identidade, que envolvem o leitor por meio de uma linguagem acessível e pelo tom humorístico da obra. O processo narrativo provoca a empatia de quem lê em virtude do relato das experiências mal-sucedidas e de eventos em que o narrador consegue compreender o modo de vida de um país culturalmente tão diverso e inserir-se nele.

A diversidade de aspectos abordados nas crônicas de João Ubaldo Ribeiro permite que a obra seja considerada representativa dentro a literatura de viagem, que é um subgênero pouco discutido e analisado (ONFRAY, 2009). Particularmente nas duas crônicas selecionadas para compor o corpus do presente artigo, a linguagem sobressai como elemento-chave nas vivências do narrador, uma vez que embates linguísticos mimetizam o contraponto entre culturas. O sujeito que se vê dividido entre a identidade brasileira e a alemã é, também, um sujeito que estranha sua língua materna ao descortinar sentidos produzidos pelos germânicos.

Nesse estudo, a análise das crônicas apoia-se em pesquisa bibliográfica interdisciplinar, que envolve os conceitos de identidade e linguagem (HALL, 2006; CHARAUDEAU, 2009, BAUMAN, 2012) e a distinção entre turista e viajante na literatura de viagem (MODERNELL, 2011; ONFRAY, 2009). Considera-se significativo conhecer a literatura de viagem, ampliar pesquisas sobre ela e dar visibilidade a novos teóricos. As obras de literatura de viagem, como as crônicas mencionadas, trazem questões acerca da atualidade (questões culturais, sociais, de identidade, estereótipos e utopias), que possibilitam ao leitor desenvolver o senso crítico, a curiosidade e refletir sobre sua própria identidade e cultura. Portanto, ela é significativa para diversas áreas do conhecimento, permitindo o trabalho interdisciplinar e sendo um potencial recurso para mobilizar o fazer docente.

EM DESLOCAMENTO: O EU SE ENCONTRA NO OUTRO

Desde a antiguidade, há relatos de viagens, de descobertas em novas terras. São registros significativos para a cultura ocidental e para a literatura de viagem A Odisseia, de Homero, Viagens de Marco Polo, de Marco Polo, A descoberta das Américas, de Dario Fo, A carta de achamento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha, Os Lusíadas, de Luís de Camões, Viagens de um naturalista ao redor do mundo, de Charles Darwin, As crônicas do Brasil, de Rudyard Kipling, Israel em Brasil, de Érico Veríssimo, dentre outras.

Esse subgênero literário narra descobertas e reflexões de um viajante, suas experiências em um lugar diferente e desconhecido em relação ao qual vive. Os textos têm um caráter interdisciplinar, diluindo fronteiras entre a história, a antropologia, a ficção. Conforme Renato Modernell (2011), a literatura de viagem teve seu apogeu nas décadas de 1970 e 1980, e desenvolveu-se através da antropologia apoiada na cartografia e por meio do espírito investigador dos autores.

As narrativas de viagens diferenciam-se de mera descrição de um diário de bordo, o qual contém informações de volta ao mundo em um ano, por exemplo, ou passa informações simples de um determinado país. Estes registros são identificados com o turismo, o deslocamento fortuito, em contraste com as viagens que, em sua origem,

[...] têm um valor arquetípico. Especialmente as mais ousadas, para lugares distantes, de caráter exploratório. São uma força que move homens e mulheres de todos os tempos e de todas as partes a saírem da zona de conforto para se arriscarem na experiência do diferente, do estranho, do novo. Viajantes desse quilate são movidos mais do que pela simples curiosidade. São impelidos por um movimento psíquico, profundo [...] Suas histórias são impulsionadas pelo motor interno da expansão da consciência, que alarga o alcance da noção de quem somos, de quem é o outro, do que é o mundo, do que compõe esse oceano de diversidades de múltiplos níveis e dimensões onde estamos inexoravelmente imersos, como partículas supostamente inteligentes do grande mistério da existência. Por isso as viagens ocupam um lugar tão privilegiado no imaginário de todos os povos. De todas as épocas. Por isso a origem e a força das narrativas de viagens. (MODERNELL, 2011, p.12).

A composição de uma narrativa a respeito dessa experiência profundamente identitária costuma “[...] acompanhar o deslocamento do protagonista no ambiente” (MODERNELL, 2011, p. 100). Há obras em que o viajante não é o protagonista principal da história, mas o seu interlocutor, podendo narrar de modo não linear. “Nesse caso, o movimento externo funciona como fio condutor do texto. Este nos parece ainda coeso pelo fato de o foco narrativo se apresentar como um elemento estável e reconhecível.” (MODERNELL, 2011, p. 100).

Independentemente da disposição dos fatos, é preciso considerar que tudo é construído, representado e reconstruído partindo do “eu”. Em uma viagem, o sujeito parte do que sabe em relação ao “diferente”. Assim, “no centro da viagem não há outra referência senão o eu” (ONFRAY, 2009, p. 75).

O pesquisador Michel Onfray amplia essa perspectiva ao afirmar:

Nós mesmos, eis a grande questão da viagem. Nós mesmos e nada mais. Ou pouco mais. Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos. A volta ao planeta nem sempre é suficiente para obter esse encontro. Tampouco uma existência, às vezes. Quantos desvios, e por quantos lugares, antes de nós sabermos em presença do que levanta um pouco o véu do ser! (2009, p. 75).

Dentro da literatura de viagem, esse indivíduo, o viajante, é o cerne de toda a história e para além dela, a qual proporciona ao leitor refletir e repensar a sua própria identidade. A viagem pode causar estranhamentos ao viajante, por revelar verdades impostas dentro de um universo social. Portanto, “toda viagem é iniciática – assim como uma iniciação não cessa de ser uma viagem. Antes, durante e depois se descobrem verdades essenciais que estruturam a identidade” (ONFRAY, 2009, p. 76).

Assim, caracteriza-se o viajante por uma necessidade visceral do deslocamento em busca do encontro de si mesmo. Em certa medida, o viajante aproxima-se da figura do herói:

A viagem é a jornada. E a jornada é a do herói. Há intensidade dramática, provas e desafios no deslocamento do herói pelos seus mapas de aventura, o risco de aniquilamento pairando no ar como possibilidade remota ou probabilidade plausível. Cabe ao herói responder à demanda do seu Santo Graal particular no nível que lhe compete, sendo a jornada suprema a realização definitiva do seu *self*, talvez a reorganização da psique em torno do seu EU transcendente, o ego domesticado ao seu papel importante, mas secundário. Essa é a promessa camuflada, discretamente escondida nas dobras visíveis ou não das narrativas de viagens. (MODERNELL, 2011, p. 12).

A jornada do viajante, repleta de riscos empíricos e simbólicos, não pode ser confundida com a busca de satisfação pessoal que move o turista. Enquanto aquele é atraído pelo desconhecido, este vai ao encontro do que foi pré-planejado e, muitas vezes, tem seu caminho direcionado e limitado por um guia. Enquanto o viajante se abre para a experiência de participar daquilo que ainda não conhece, o turista espera levar provas materiais, como fotografias, para comprovar sua presença em locais *glamourizados* pela mídia ou pelas agências de viagens.

Onfray (2009) caracteriza o viajante como um nômade, que se desloca para um determinado local desprendido de pré-julgamentos culturais, sociais e históricos sobre ele. Para o pesquisador, o sujeito não escolhe o local para onde irá, mas é requisitado por ele. Por conseguinte, “viajar supõe menos o espírito missionário, nacionalista, eurocêntrico e estreito, do que a vontade etnológica, cosmopolita, descentrada e aberta. O turista compara, o viajante separa” (ONFRAY, 2009, p. 58).

Ainda diferenciando turista e viajante, Modernell postula que este sustenta “[...] um olhar despojado e inquisitivo sobre o que o cerca; convive de forma criativa com a insegurança e a surpresa; deixa-se levar pelo fluxo dos acontecimentos; e delicia-se com os pequenos flagrantes da vida” (2011, p. 62). Mas o estudioso adverte: em toda viagem, há algo de perigoso, pois “[...] nela, pode-se encontrar a vida ou a morte, mas em qualquer caso isso se dará longe de nossas raízes” (MODERNELL, 2011, p. 26).

Especialmente ao viajante contemporâneo interpõe-se o risco da aculturação e da progressiva aproximação com o turista. Os avanços tecnológicos e multimídias reforçam a tendência de influenciar diferentes culturas a obter ou a desenvolver certos hábitos de outro povo, ou de concebê-lo como exótico.

Podemos então supor que, nessa passagem do “mundo comum” para o “mundo especial”, o senso crítico do protagonista se atenua ou se transforma. Ao mesmo tempo, seus sentidos se aguçam sob o influxo das coisas “exóticas”, se nos permitirmos usar um termo tão desgastado nas reportagens de turismo. Entretanto, o viajante parece tornar-se mais severo ao deparar com traços do “mundo comum” projetados no “mundo especial”. As lanchonetes *fast-food*, por exemplo, [...] citam-nas como símbolo da degradação ocidental a conspurcar a cultura asiática, mesmo sabendo que ali se comem bichos vivos [...] compreendi que o ocidente não tem fim, antes continua a deslocar-se conosco. (MODERNELL, 2011, p. 116).

O desenvolvimento do senso crítico do viajante não se restringe a uma atividade intelectual, abarcando, também a corporalidade do sujeito, que é convidado a “[...] sentir e ouvir mais vivamente, olhar e ver com mais intensidade, degustar e tocar com mais atenção – o corpo abalado, tenso e disposto a novas experiências, registra mais dados que de costume” (ONFRAY, 2009, p. 49). O confronto com a alteridade, que resulta da abertura para o outro, pode alterar a concepção que se tem do mundo, de si e do outro. Assim, a viagem acaba trazendo ao viajante novas descobertas em relação ao que ele foi buscar em sua viagem:

Viajar conduz inexoravelmente à subjetividade. Dividida, fragmentada, espalhada ou compacta, é sempre diante dela que nos convida a fazer o balanço de nosso trajeto socrático: O que aprendi de mim? O que posso saber com mais certeza do que antes da minha partida? (ONFRAY, 2009, p. 81).

A escrita e a leitura de sua própria narrativa ajudam o viajante a elaborar seu processo de formação identitária. Ao propiciarem uma percepção global acerca das ações e impressões do viajante, elas podem provocar o estranhamento do autor quanto a si próprio, no que diz respeito às posturas axiológicas assumidas ao longo do trajeto.

Essa sensação posterior de estranhamento em relação ao texto, por parte do autor, é indício de que ele de fato viajou. Só que a intimidade com lugares e rotas percorridas já não pertence a ele, mas sim a leitores. Quando se cumpre esse ritual da transparência de polaridade, estamos diante de um texto que atinge o alvo. (MODERNELL, 2011, p. 102).

Nessa concepção, a literatura de viagem só cumpre seu alvo se for capaz de provocar a empatia do leitor, conduzindo-o a uma imitação transformadora, por meio da qual a própria personalidade acaba redimindo-se em relação aos elementos da realidade com que ele está se deparando. Afinal, as narrativas de viajantes convidam o leitor a expandir a consciência em relação ao eu, ao outro, ao mundo e às dimensões onde está imerso.

A LÍNGUA QUE LHE FALA

Os discursos e as identidades aparecem juntos, pois, ao mesmo tempo em que os indivíduos interagem no mundo através da linguagem, constroem o mundo, a si mesmos e aos outros em um processo contínuo e diário. Embora falar em indivíduo remeta ao individual, à identidade, é preciso conceber sua relação com a cultura, que permite ao sujeito reconhecer-se como parte de um grupo ou contexto social.

A constituição de um “eu”, portanto, requer a existência de um “outro”:

Vemos o paradoxo sobre o qual nossa identidade é construída: nós precisamos do outro, do outro em sua diferença, para tomarmos consciência de nossa existência, mas, ao mesmo tempo, desconfiamos dele, experimentamos a necessidade, seja de rejeitá-lo, seja de torná-lo semelhante a nós para eliminar essa diferença. Mas há o risco de, se tornarmos o outro semelhante a nós, simultaneamente perdemos a nossa consciência identitária, visto que ela só se concebe na diferenciação, e, se rejeitarmos o outro, não haverá mais ninguém sobre quem fundarmos nossa própria diferença. Disso decorre esse jogo sutil de regulação que se instaura em todas as nossas sociedades (até as mais primitivas), variando entre aceitação e rejeição do outro, valorização e desvalorização do outro, reivindicação de nossa própria identidade em contraste com a identidade do outro. (CHARAUDEAU, 2005, on-line).

A demarcação da diferença do eu em relação ao outro é um processo ininterrupto, que reveste de dinamicidade a identidade, pois “a identificação é uma construção, um processo sempre inacabado – sempre ‘sendo feito’. Não é determinado no sentido de poder sempre ser ‘ganho’ ou ‘perdido’, ‘sustentado’ ou ‘abandonado’” (BAUMAN, 2012, p. 41).

Isso leva o sujeito a perceber-se fragmentado na mesma forma que percebeu seus referenciais sociais e culturais. “Esse duplo deslocamento, descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, constitui uma crise de identidades para o indivíduo” (HALL, 2006, p. 9). Essa tensão é aguçada na modernidade líquida (BAUMAN, 2012), marcada pela

erosão da noção de futuro, pela profusão de informações e pela efemeridade das relações humanas. Conforme Stuart Hall,

A identidade surge não tanto pela plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 2006, p. 39).

Dentro desses contextos, o indivíduo continuamente reavalia e pode modificar sua própria identidade, tendo em vista que “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13). Essa percepção permite a Roy Wagner (2017) afirmar que a cultura e a identidade são inventadas, na medida em que decorrem da criatividade humana, ou seja, da forma como um determinado grupo social interpreta o mundo e, a partir disso, estabelece as bases das práticas sociais.

Para o antropólogo, também a linguagem é inventada, porque a comunicação é algo gerado dentro de um contexto mediante associações. Para defender seu ponto de vista, Wagner recorre aos processos de semiotização dos códigos comunicacionais:

A comunicação e a expressão significativa são mantidas por meio de elementos simbólicos – palavras, imagens, gestos – ou de sequências destes. Quando isolados e vistos como “coisas” em si mesmos, esses elementos aparentam ser meros ruídos, padrões de luz ou movimentos arbitrários (como ilustração, tente repetir uma palavra como “zeppelin” ou “papoula” várias vezes, concentrando-se exclusivamente no som e veja como ela soará peculiar depois de um certo tempo). Esses elementos só têm significado ou oposto uns aos outros em toda sorte de contextos. O significado, portanto, é uma função das maneiras pelas quais criamos e experienciamos contextos (base relacional para o uso dotado de sentido das palavras). (WAGNER, 2017, p. 70).

Dessa forma, o significado é o produto das relações intra e extralinguísticas. Essa constatação leva Hall a afirmar, com base em estudos de Ferdinand Saussure, que o sujeito não pode ser concebido como o “autor” das afirmações que faz ou dos significados que expressa na língua.

Nós podemos utilizar a linguagem para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos

sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar novos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (HALL, 2006, p. 40).

A mobilização de uma língua implica a movimentação de um patrimônio cultural, o que desmente a tese de que a existência de uma língua universal, como o Inglês, dê conta da comunicação em todos os contextos. Isso porque a língua integra os processos culturais e se efetiva pelo discurso, que lhe funda: “E se insistem em dizer que é através da língua que se dá o funcionamento do discurso, é necessário precisar que se trata da língua enquanto discurso, enquanto registro do discurso” (CHARAUDEAU, 2009, on-line).

Tal perspectiva justifica a relevância que Patrick Charaudeau atribui, no âmbito da questão identitária, aos estudos sobre o discurso:

Evidentemente, existem diversas abordagens da questão identitária: sociológica, antropológica, psicológica, histórica etc. [...] Nesse “concerto” das ciências humanas, as ciências da linguagem – e, mais particularmente, a análise do discurso – ocupam um lugar importante, pois a linguagem está no cerne da construção, tanto individual quanto coletiva, do sujeito, o que ocorre em três domínios de atividade humana: • o domínio da socialização dos indivíduos, na medida em que é através da linguagem que se instaura a relação de si com o outro e que se cria o elo social; • o domínio do pensamento, na medida em que é pela/atraves da linguagem que conceituamos, isto é, que extraímos o mundo de sua realidade empírica para fazê-lo significar; • o domínio dos valores, na medida em que estes precisam ser ditos para existir; é dessa forma que os atos de linguagem que os veiculam dão sentido à nossa ação. (CHARAUDEAU, 2009, on-line).

Para o pesquisador francês, a atividade de linguagem constitui uma espécie de garantia de liberdade do indivíduo como possibilidade de interrogação e análise sobre o outro e sobre si mesmo, e como possibilidade de controle dos afetos. Então, o sujeito utiliza a linguagem em diferentes situações, como análise, pensando o que o outro está querendo dizer e o que pode compreender através do diálogo em relação ao “eu”, que carrega uma marca própria da sua identidade, assim como o outro.

Na literatura, a linguagem se transforma em meio de reflexão e de construção literária. A cultura viaja em diferentes contextos históricos, sociais, locais, midiáticos etc.; e promove a reflexão do sujeito acerca de sua cultura e identidade.

UM ESCRITOR VIAJANTE OU UM VIAJANTE ESCRITOR

No início da década de 1990, quando o autor João Ubaldo Ribeiro recebeu o convite do DAAD – entidade alemã que propunha a escritores uma espécie de intercâmbio no país –, a Alemanha ainda tentava sarar as feridas sociais geradas por uma sequência de fatos históricos, dentre eles, a recente queda do muro de Berlim. Nesse contexto, o autor brasileiro escreveu a obra *Um brasileiro em Berlim*, cujo sucesso de vendas tanto em terras germânicas quanto tupiniquins pode ser explicada pela leveza, pela ludicidade e pela profundidade com que as crônicas abordam temas ácidos e representam conflitos identitários comuns a viajantes. Particularmente as crônicas “O Tartamudo do Kurfürstendamm” e “Vida organizada” arquetizam seu enredo em torno de uma incompreensão linguística e explicitam a teia de significados sociais e culturais que sustentam o discurso, mesmo em comunicações cotidianas.

Em “O Tartamudo do Kurfürstendamm”, o narrador se assume como tartamudo-gago, ou “sem noção do que fala”, perdido em uma terra estranha e convivendo com os outros com uma cultura diferente. Ele revela ter um dicionáriozinho de bolso, mas, em várias situações, como nas idas ao supermercado, não encontra a tradução de que necessita; tenta buscar coragem para se comunicar em língua alemã e agir naturalmente em espaços públicos frente à cultura, da qual ora se vê fazendo parte, ora não.

Inerente às oscilações identitárias do narrador está a ambiguidade de sua postura, que se aproxima, por vezes, de comportamentos próprios de turistas e, em outras ocasiões, de perspectivas de viajante. A voz narrativa reconhece a si própria como berlinense ao compreender, por exemplo, a importância da relação afetiva dos moradores de Berlim com a avenida principal da cidade. Esse processo de alteridade e de identificação pode ser associado ao viajante. Em contrapartida, a pretensão de poder comunicar-se com base em um conhecimento restrito do idioma alemão bem como a irritação com as dificuldades de comunicação decorrentes daí apontam para traços do turista.

A alternância entre as posturas de turista e de viajante refletem na configuração do foco narrativo. Por vezes, o registro se dá em primeira pessoa, como em: “Acredito já ser bem conhecido por estes arredores do Kurfürstendamm (aliás, Ku`damm, que é como nós berlinenses, tratamos da nossa avenida mais famosa), perto de onde eu moro” (RIBEIRO, 2006, p.19). Em outras passagens, o texto é narrado em terceira pessoa do singular, como em: “O Tartamudo do Ku`damm desligou o telefone com um sorriso maquiavélico nos lábios. Ah, então era assim, não era? Muito bem, se o consideravam um inimigo, seria um inimigo”. (RIBEIRO, 2006, p. 23-24).

Na concepção de Franz Stanzel (1981), esse narrador, presente na crônica de João Ubaldo Ribeiro, é autodiegético, na medida em que relata suas próprias experiências como personagem principal da história. O emprego tanto da primeira quanto da terceira pessoa do singular atende ao objetivo de gerar uma

proximidade e um certo afastamento ao mesmo tempo. Além de protagonista da narração, o narrador é o detentor de uma voz observável ao nível do enunciado por meio de intrusões.

Para Stanzel (1981), um narrador autodiegético tenderá a subordinar as questões enunciadas a uma questão central: a configuração (ideológica, ética, etc.) da entidade que protagoniza a dupla aventura de ser herói da história e responsável por sua narração. A impressão da subjetividade e a utilização de códigos temporais e de focalização da voz narrativa propiciam, ao leitor, a sobreposição da figura do autor e a do narrador.

Portanto, em “O Tartamudo do Kurfürstendamm”, pode-se conceber que o autor dilui as fronteiras entre o real e o fictício, projetando sobre o narrador autodiegético certas atitudes identitárias, sociais, culturais; representando-as por meio da ironia. A oscilação entre primeira e terceira pessoa simboliza a própria instabilidade identitária vivenciada pela personagem principal, o Tartamudo. Nas passagens com o registro em primeira pessoa, o narrador se concebe como pertencente à cultura e à identidade alemãs; nos momentos em que é utilizada a terceira pessoa, o Tartamudo pontua sua inadequação ao contexto alemão, vendo a si próprio como o estrangeiro.

Esse conflito é intensificado em uma passagem da crônica em que o narrador se autointitula berlinense, e, ao conversar com um amigo que mora em Berlim, afirma que os alemães não gostam de receber estrangeiros. O amigo de origem germânica explica-lhe, então, que não se trata de xenofobia, mas de “raiva de alemão do outro lado”. Diante da revelação, o narrador elabora uma reação: “Ah, [...] muito bem, se o consideravam um inimigo, seria um inimigo. [...] Resolvi assumir. Amanhã mesmo, compro um Trabant e vou à luta”. (RIBEIRO, 2006, p. 24).

Ao mencionar o Trabant, o narrador sinaliza a ampliação da compreensão a respeito do contexto em que está inserido. O modelo de automóvel Trabant solidificou-se como o símbolo do comunismo na Alemanha Oriental. Citá-lo, portanto, quando a queda do Muro de Berlim ainda era recente – considerando-se a época da escrita da crônica – é dar visibilidade a um conflito identitário local, muitas vezes silenciado ou camuflado.

Essa perspicácia, porém, não exima o narrador de frequentes percalços nas interações com os alemães especialmente em suas primeiras semanas em solo germânico. Depois de várias tentativas frustradas de se comunicar em língua alemã, o Tartamudo resolve que não ousaria arriscar-se outra vez sem antes estudar com mais afinco a língua alemã. Ao buscar entender a cultura de um local por meio da linguagem, o narrador abandona a figura do turista e aproxima-se do viajante, que, mesmo desconfortável no ambiente por onde transita, julga aceitável e até desejada uma transformação interior decorrente de sua trajetória em terras estrangeiras.

Na crônica “O Tartamudo do Kurfürstendamm”, a falta de habilidade com o idioma alemão mobiliza a ironia, que, diversas vezes, recai sobre o próprio narrador. Ele busca moldar uma imagem de sujeito humilde, falho, que tenta, como o viajante, aprender a linguagem local na qual está inserido para se “camuflar”

como integrante daquele meio cultural e social: “[...] ao responder “já” a uma pergunta que não entende direito, ouviu presumíveis menções a sua parca inteligência, seguidas de risadinhas e risadonas dos outros clientes do estabelecimento” (RIBEIRO, 2006, p. 21). Nesse momento, a sátira expõe as fragilidades da figura do viajante, apresentando-o como um indivíduo que tem dificuldades com a língua local, que quer se fazer e se sentir pertencente àquela cultura, mesmo estando sujeito a críticas, a deboches e à incomunicabilidade/incompreensão.

Assim, o Tartamudo identifica-se com o viajante ao aceitar os riscos do imprevisível e do contato genuíno com o cotidiano social diferente. Ele procura entender a cultura local, sozinho, por meio da língua que ainda está aprendendo. Em contrapartida, ele é visto pelos alemães como um turista, um sujeito que está de passagem e que não estabelecerá vínculos com a cultura germânica. Talvez derive daí a impaciência quanto às dificuldades de expressão do Tartamudo.

A situação do narrador é modificada na crônica “Vida Organizada”, que versa sobre o convite recebido por ele para dar uma palestra. Em suas palavras: “O telefone tocou, atendi, falou um alemão simpático e cerimonioso do outro lado, querendo saber se eu estaria livre para uma palestra no dia 16 de Novembro, quarta-feira, às 20h30” (RIBEIRO, 2006, p. 56).

O convite veio permeado por questões identitárias e linguísticas. O narrador pondera que os alemães são muito organizados em questões de horários, estabelecendo um flagrante contraste com os brasileiros:

Se o Brasil tivesse fronteiras com a Alemanha, não digo uma Guerra, mas algumas escaramuças já teriam eclodido, com toda a certeza – e a Alemanha perderia, notadamente porque o Brasil não compareceria às batalhas nos horários previstos, confundiria terça-feira com sexta-feira, deixaria tudo para amanhã [...]. (RIBEIRO, 2006, p. 55).

Diante da indecisão do narrador quanto à resposta a ser dada, sua esposa sugere que ele peça ao alemão que lhe telefone “amanhã”. Essa palavra endossa o confronto comparativo entre a cultura brasileira e a germânica:

“Amanhã” significa, entre outras coisas, “nunca”, “talvez”, “vou pensar”, “vou desaparecer”, “procure outro”, “não quero”, “no próximo ano”, “assim que eu precisar”, “um dia destes”, “vamos mudar de assunto” etc. e, em casos excepcionalíssimos, “amanhã” mesmo. Qualquer estrangeiro que tenha vivido no Brasil sabe que são necessários vários anos de treinamento para distinguir qual o sentido pretendido pelo interlocutor brasileiro, quando ele responde, [...], que fará tal ou qual coisa amanhã. O caso dos alemães é, seguramente, o mais grave. Não disponho de estatísticas confiáveis, mas tenho certeza de que nove em dez alemães procuram ajuda médica no Brasil o fazem por causa de

“amanhãs” causais que os levam, no mínimo, a um colapso nervoso, para grande espanto de seus amigos brasileiros – esses alemães são uns loucos, é o que qualquer um dirá. (RIBEIRO, 2006, p. 54).

De forma humorada, a complexidade na tradução da palavra “amanhã”, que pode apresentar uma gama de significações dentro de um determinado local, evidencia que, na base da linguagem, estão formas de pensamento e práticas culturais. Essa constatação sustenta a conclusão do narrador quanto à impossibilidade de encontrar equivalência entre palavras aparentemente sinônimas, unívocas e uniformes.

Vale salientar que a sátira quanto à organização temporal dos alemães resguarda uma nota de admiração diante do diferente e, paralelamente, provoca a avaliação do narrador quanto a seu próprio sistema cultural. A relação com a temporalidade é uma tônica da narrativa de viagem, pois, “o autor tem insights ao observar o ritmo em que as coisas acontecem em cada lugar ou situação, e na sua narrativa consegue transmitir ao leitor as diferentes dimensões do tempo (geográfico, social e individual)” (MODERNELL, 2011, p. 63). A palavra “amanhã” não mobiliza apenas a busca por equivalências linguísticas em outro idioma, mas a própria forma de os sujeitos se situarem no tempo e no espaço, conferindo-lhes segurança ou liberdade quanto às ações futuras. No bojo dessa reflexão linguística, está, portanto, a mobilização de elementos da cultura de origem do viajante, que passam a interagir com a cultura local dos berlinenses, promovendo uma nova síntese identitária.

Enfim, o encontro com potencialidades semânticas de uma palavra antes ignoradas amplia a percepção do protagonista quanto à utilização de sua língua materna e atua na ressignificação de sua identidade. Igualmente, essa descoberta reflete na percepção do leitor, que é instado a rir dos percalços enfrentados pelo narrador, ao mesmo tempo em que elabora suas próprias limitações linguísticas e identitárias.

PORTO DE CHEGADA

A análise das crônicas no presente artigo permite a identificação da figura do viajante em três níveis sobre os quais se tecem breves apontamentos. Na esfera ficcional, é possível afirmar que o narrador de “O Tartamudo do Kurfürstendamm” e de “Vida organizada” identifica-se predominantemente com o viajante. Afinal, mesmo diante de obstáculos de comunicação, ele sustenta um olhar despojado e inquisitivo sobre o que o cerca; deixa-se levar pelo fluxo de acontecimentos e convive de forma criativa com a insegurança e com a surpresa. Ele constrói aprendizagens e tem uma visão global sobre o local em que está inserido.

No plano transicional entre ficção e realidade, a diferenciação entre a voz do autor-escritor e a do narrador impõe problemas de natureza estética e identitária. Evidentemente, há nas vivências reais de João Ubaldo Ribeiro a matéria que deu

forma às crônicas de Um brasileiro em Berlim, contudo, reduzi-las a esse valor documental desconsideraria o trabalho artístico dispensado à linguagem. Assim, considera-se o narrador das crônicas como um alter-ego do autor, cujo posicionamento enquanto viajante fica evidente na proposição bem-humorada de discussões identitárias e culturais a partir de pequenos quadros cotidianos. Em certa medida, escrever suas experiências como pertencentes a um outro – narrador-personagem – é analisá-las sob um olhar externo, na busca de uma compreensão global.

Finalmente, na terceira esfera, relacionada à realidade, está o leitor viajante. Na leitura de uma narrativa de viagem, cabe a ele decidir por realizar o trajeto apenas no afã do prazer e na busca descompromissada de informações – turista – ou optar pela imersão na subjetividade, que problematiza identidades, culturas e linguagens – viajante. Ao leitor viajante, é significativo, inclusive, que consiga separar através da leitura a figura do viajante e a do turista, para que essas informações confrontem as estereotipadas pela mídia. O resultado conduz à reflexão de que a aprendizagem implica em estar atento às demandas contemporâneas de interpretação de si, do outro e do mundo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. *Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional*. 2009. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em: 2 maio 2019.

_____. *Reflexões sobre a identidade cultural*. Uma condição necessária ao ensino de uma língua. 2005. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/IMG/pdf/Identidade_cultural_e_ensino.pdf>. Acesso em: 2 maio 2019.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MODERNELL, Renato. *Em trânsito: um ensaio sobre narrativas de viagem*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzi, 2011.

ONFRAY, Michel. *Teoria da Viagem – poética da geografia*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

STANZEL, Franz K. *A Theory of Narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

Para citar este artigo

As autoras

Camila Ulmer da Silva é licenciada em Letras Português/Inglês, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *campus* Feliz (2019). Possui especialização em Psicopedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (2016) e graduação em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (2014). Tem experiência na área de Educação e na área de Letras.

Tatiane Kaspari é Doutora e Mestra em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale, e licenciada em Letras – Português, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Atualmente, atua como docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *campus* Feliz.